

KATHIA ALEXANDRA LARA CANIZARES

**TRAVESSIA PELA LITERATURA DE  
AUTORIA INDÍGENA:  
UMA FORMA DE RECEPÇÃO**







## ELABORAÇÃO

Kathia Alexandra Lara Canizares  
Rosa Maria Manzoni

## SUPERVISÃO

Profª Drª Rosa Maria Manzoni

## REVISÃO

Prof. Dr. Joaquim Dolz  
Prof. Dr. Odilon Helou Fleury

## REALIZAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Programa de Mestrado Profissional em Docência para  
Educação Básica Departamento de Educação/FC  
Av. Engº Luiz Edumundo Carrijo Coube  
Vargem Limpa – Bauru/SP  
Site: [www.fc.unesp.br](http://www.fc.unesp.br)

Produto Educacional desenvolvido pelo Laboratório de Desenvolvimento de Pesquisas e Produtos Educacionais (LADEPPE) mediante ao requisito necessário à qualificação da autora ao Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP Bauru.

## PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELO LADEPPE

Dariel de Carvalho  
Eliana Marques Zanata  
Thaís Cristina Rodrigues Tezani

## EQUIPE TÉCNICA DO LADEPPE

Designer: Gabriela Airi Akyama  
Coordenadora: Milena Carpi Colombo

## REALIZAÇÃO



## AGRADECIMENTO



Canizares, Kathia Alexandra Lara.

Travessia pela literatura de autoria indígena : uma forma de recepção / Kathia Alexandra Lara Canizares ; Orientação: Rosa Maria Manzoni. - Bauru : UNESP, 2019  
54 p. : il., fotos

Produto educacional desenvolvido como parte das exigências do Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru, com o título: Semiotização do conteúdo da literatura indígena na dissertação argumentativa de vestibular

1. Literatura indígena. 2. Sequência Didática de Leitura. 3. Recepção de leitura. I. Manzoni, Rosa Maria. III. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. IV. Título.



# SUMÁRIO

## 4 APRESENTAÇÃO

## 5 ALUNO

6 Oficina I – Determinando o horizonte de expectativas

11 Oficina II – Atendendo o horizonte de expectativas

19 Oficina III – Rompendo o horizonte de expectativas

27 Oficina IV – Questionando o horizonte de expectativas

30 Oficina V – Ampliando o horizonte de expectativas

## 34 PROFESSOR

40 Oficina I – Determinando o horizonte de expectativas

42 Oficina II – Atendendo o horizonte de expectativas

44 Oficina III – Rompendo o horizonte de expectativas

47 Oficina IV – Questionando o horizonte de expectativas

48 Oficina V – Ampliando o horizonte de expectativas

## 50 AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA

## 51 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA



# APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado do desenvolvimento da pesquisa de Mestrado Profissional, no Curso de Pós-Graduação de Docência para a Educação Básica, da Faculdade de Ciências (FC), da UNESP/Bauru.

O trabalho de pesquisa “Semiotização do conteúdo da literatura indígena na dissertação argumentativa de vestibular” foi desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Manzoni com o objetivo de validar uma forma de organização de ensino da linguagem escrita nos planos psicológico e linguístico, atendendo à Lei 11.645/2008, aliando o processo de leitura cujo conteúdo temático (literatura indígena) seja ampliado para ser semiotizado na produção de textos escritos.

Trata-se de uma **Unidade Didática de ensino** (UD) que visa à promoção do desenvolvimento da capacidade de ação comunicativa, organizada segundo o Método Receptional de leitura (MRL), com atividades que instiguem a leitura crítica e mobilização de operações de representações do conteúdo temático, neste caso, reconhecimento da **literatura de autoria indígena**. Dessa forma, com este material, pretende-se preencher uma das carências percebida durante a produção escrita de textos, além de possibilitar a inclusão cultural e superação do silenciamento e invisibilidade da cultura indígena no sistema educativo a partir da leitura de textos literários de autoria indígena e não indígena.

O material está constituído por uma coletânea de diferentes gêneros textuais, textos literários e não literários, sob a temática de literatura de autoria indígena, que acompanhem o processo de construção de argumentos, para serem utilizados na produção de textos da ordem do argumentar. Assim, o material pode ser utilizado como instrumento paradidático, no qual é proposto um conjunto de atividades que visam ao desenvolvimento das capacidades de linguagem na produção de textos.

A unidade abrange textos literários estruturados gradativamente, desde os mais fáceis até os mais complexos, e nela, a coletânea de gêneros textuais apresenta tarefas com questionamento analítico; assim como propostas de atividades de interligação entre textos, desenvolvendo, assim, a capacidade de estabelecer dialogismo intertextual. Ainda, esse material pode ser utilizado para compor sequências didáticas.

Este material está dividido em duas grandes seções. A primeira corresponde ao material que o aluno terá acesso. Na segunda seção, o material destina-se ao professor.



# ALUNO

## Para início de conversa...

Caro aluno, nas próximas aulas você e sua turma serão desafiados a realizarem atividades organizadas em forma de oficinas, sobre o tema “Caminho para se aproximar da Literatura de autoria indígena”.

Será que, ao terminarmos as oficinas, o nosso olhar sobre os povos indígenas será o mesmo?

O caminho aqui proposto percorre **cinco oficinas**, nas quais são propostas atividades diversificadas para a recepção e produção de texto. Cada uma dessas oficinas recebe um nome:

1. Determinando o horizonte de expectativas;
2. Atendendo o horizonte de expectativas;
3. Rompendo o horizonte de expectativas;
4. Questionando o horizonte de expectativas;
5. Ampliando o horizonte de expectativas.

A maior parte das atividades propostas pode ser realizada durante o desenvolvimento das atividades em sala de aula. Alguns questionamentos, pesquisas, leituras extras, etc., podem ser realizadas em outro momento (extrassala).



# OFICINA I



## DETERMINANDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Mais do que nunca, é urgente renovar o olhar sobre a temática indígena. Sua cultura merece um novo olhar, reconhecendo os seus saberes, a sua contribuição, por meio da textualidade registrada por eles mesmos.

A oficina I é desenvolvida em **três momentos**: apresentação do projeto de leitura de literatura de autoria indígena, sondagem sobre o conhecimento da temática indígena e determinação do horizonte de expectativas.

### ATIVIDADE 1. Apresentação do projeto de leitura



“Para o índio, toda palavra possui espírito”, (JECUPÉ, 1998).

A travessia pelo caminho do conhecimento da produção literária dos indígenas permite entender a alma indígena. Dessa forma, atendendo a Lei, 11.645/2008, que promove a inclusão do estudo da cultura indígena nas escolas públicas e privadas, propõe-se um caminho que considere a superação do silenciamento e invisibilidade da cultura dos povos indígenas no sistema educativo, por meio da leitura de textos literários de autoria indígena e não indígena.

O tema de literatura de autoria indígena (a partir daqui, apenas, literatura indígena), dentre tantos motivos, foi escolhido, principalmente, devido à escassez de textos literários escritos por indígenas nos materiais didáticos do Ensino Médio que circulam nas escolas.

A primeira atividade que propomos é um breve papo com os colegas sobre algumas perguntas. Registre as respostas no local reservado para essa finalidade.

**1.** Que expectativas sobre as próximas oficinas, em relação à temática indígena, você tem?

**2.** Sobre a sua ascendência. Converse com seus pais, avôs e/ou outros familiares sobre se há algum membro indígena.







## ATIVIDADE 2. Enquete: O que sabemos sobre o tema?



Vamos realizar algumas perguntas aos nossos colegas, para depois compartilharmos as respostas.

1. Existem indígenas no Brasil? Onde eles vivem? Como eles são?
2. Como são as aldeias indígenas? Conhece alguma aldeia? Se não conhece, pesquise depois e complemente o registro.
3. Conhece a dança ou a música indígena? Como é a pintura indígena? Se não conhece, pesquise e complemente o registro.
4. Qual costume indígena você pratica? Depois da aula, faça uma pesquisa sobre o assunto e complemente as respostas.
5. Como você vê os indígenas? Eles sabem ler e escrever? O que escrevem? Há indígenas profissionais? Se conhece algum(a) escritor(a), poeta, músico, ator/atriz, etc., registre o(s) nome(s).
6. Como você vê o tema indígena no currículo escolar? Use argumentos e justificativas para fundamentar a sua resposta.







7. Conhece literatura sobre indígenas escrita por indígenas? Qual obra conhece? Como é chamada a obra escrita pelos indígenas?

8. Por que é importante o conhecimento da cultura indígena? Use argumentos e justificativas para fundamentar a sua resposta.

9. Conhece a Lei 11.465/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”?

Ao finalizarmos todas as atividades das oficinas voltaremos para rever essas perguntas e respostas.

### ATIVIDADE 3. Reflexões imaginéticas



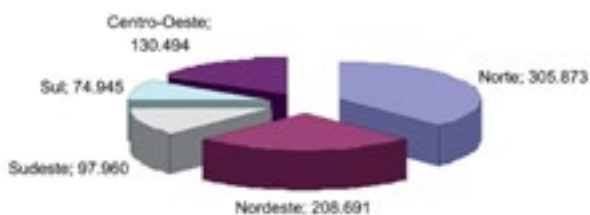
Vamos observar algumas imagens e figuras e refletir sobre os povos indígenas guiados por alguns questionamentos.

Esta atividade, inicialmente, é oral. Ao final escreva uma síntese sobre a leitura das imagens.

◆ Quem são os indígenas?



Distribuição da população indígena - IBGE - 2010



Fonte (esquerda à direita): commons.wikimedia.org e funai.gov.br



◆ Como são vistos os indígenas?



Fonte: sohistoria.com.br

◆ Textos fazem referência aos indígenas?



Fonte: editorafi.org

◆ Como é arte, música, dança, pintura...?



Fonte: rondoniaovivo.com

◆ O que os indígenas podem narrar sobre a história do Brasil?



Fonte: metropoles.com



◆ Quando saem das aldeias, eles deixam de ser indígenas?



Fonte: [comin.org.br](http://comin.org.br)

◆ O que dizer sobre “índigenas são preguiçosos”, frase do senso comum?



Fonte: [opinioes.folha1.com.br](http://opinioes.folha1.com.br)

◆ O que significa; empatia, identidade, alteridade, ancestralidade, resistência?



Fonte (esquerda à direita): [ulbra.br](http://ulbra.br) [econstelacaosistematica.net.br](http://econstelacaosistematica.net.br)

◆ Utilize o espaço abaixo para registrar as impressões sobre as imagens e as possíveis relações com a “literatura de indígena”.



## OFICINA II



### AMPLIANDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Vamos resgatar algumas lembranças sobre como percebemos os indígenas ao longo dos anos escolares para provocar a memória percepção do automatismo no cotidiano.

#### ATIVIDADE 4. O indígena do nosso senso comum...



Primeiramente, vamos pensar sobre a concepção individual e coletiva relacionada ao Dia do Índio.

1. Como você celebrou o Dia do Índio nos últimos anos?

2. Leia o Decreto e responda.

Desde quando 19 de abril é o Dia do Índio e por quê? O objetivo da criação desse dia é alcançado? Justifique a sua resposta.

### DECRETO-LEI Nº 5.540, DE 2 DE JUNHO DE 1943

Considera "Dia do Índio" a data de 19 de abril.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição, e tendo em vista que o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, reunido no México, em 1940, propôs aos países da América a adoção da data de 19 de abril para o "Dia do Índio",

DECRETA:

Art. 1º É considerada - "Dia do Índio" - a data de 19 de abril.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 2 de junho de 1943, 122ª da Independência e 55ª da República.

GETÚLIO VARGAS  
Apolônio Sales  
Osvaldo Aranha

Este texto não substitui o original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 04/06/1943

Fonte: [camara.leg.br](http://camara.leg.br)





## ALUNO

Agora, vamos assistir ao vídeo Brincar de Índio , interpretado por Xuxa (Maria da Graça Xuxa Meneghel), de composição de Michael Sullivan e Paulo Massadas, no intuito de identificarmos alguns elementos indígenas.



Assista aqui: <https://youtu.be/ba9JLbDrpWI>

3. Quem é a intérprete? Em que lugar está a cantora? Qual e como é o público/auditório?

4. Você conhece essa música? Que lembrança ela traz para você?

5. O que você poderia dizer sobre os indígenas que aparecem no vídeo? Retire informações do vídeo para exemplificar a sua resposta.



**6. Leia a letra da música “Brincar de Índio”, de Sullivan e Massadas**

Vamos brincar de índio	Índio fazer barulho
Mas sem mocinho pra me pegar...	Índio ter seu orgulho
Venha pra minha tribo	Índio quer apito
Eu sou cacique, você é meu par...	Mas também sabe gritar
Índio fazer barulho	Índio não faz mais lutas
Índio ter seu orgulho	Índio não faz guerra
Vem pintar a pele para a dança começar	Índio já foi um dia
Pego meu arco e flecha	O dono dessa terra
Minha canoa e vou pescar	Índio ficou sozinho
Vamos fazer fogueira	Índio querer carinho
Comer do fruto que a terra dá	Índio querer de volta a sua paz.

**7. Destaque termos que, para você, caracterizam a cultura indígena.****8. Para você, qual significado atribuir ao eu lírico da letra “Brincar de Índio”?****9. Quais são os desejos do “índio” evidenciados na letra da música? Retire termos para exemplificar.****10. “Índio” foi dono das terras um dia”, e hoje? O que você sabe da demarcação das terras dos povos indígenas? Há necessidade de contemplar politicamente a demarcação de terras indígenas? Use argumentos e justificativas para fundamentar a sua resposta. Se ainda não tiver uma opinião formada, pesquise e depois complemente a sua resposta.**

**ATIVIDADE 5. Musicalidade indígena.**

Vamos assistir ao videoclipe Eju Orendive, de Brô Mc's e identificar elementos indígenas. Essa canção guarani foi escrita por jovens indígenas Guarani e Kaiowá, das aldeias Bororó e Jaguapirú/MS.



Fonte: [revistabrasileira.com.br](http://revistabrasileira.com.br)

Assista aqui: <https://youtu.be/oLbhGYfDmQg>

1. Que elementos indígenas e não indígenas aparecem no videoclipe? Descreva o local.
2. Os intérpretes são indígenas? Que características são consideradas para identificá-los, ou não, como indígenas? Descreva os intérpretes.
3. No clipe, percebe-se uma alternância do português e guarani. Por que pode acontecer essa forma de composição? Levante hipóteses sobre a intencionalidade do eu lírico.



**4. Leia a letra da música “Eju Orendive” (Venha conosco) e levante hipóteses sobre o público/plateia que pode ser alcançado.**

Eju Orendive  
Aqui o meu rap não acabou  
Aqui o meu rap está apenas começando  
Eu faço por amor  
Escute, faz favor  
Está na mão do senhor  
Não estou para matar  
Sempre peço a Deus  
Que ilumine o seu caminho  
E o meu caminho  
Não sei o que se passa na sua cabeça  
O grau da sua **maldade**  
Não sei o que você pensa  
Povo contra povo, não pode se matar  
Levante sua cabeça  
Se você chorar não é uma vergonha  
Jesus também chorou  
Quando ele apanhou  
Chego e rimo o rap guarani e kaiowa  
Você não consegue me olhar  
E se me olha não consegue me ver  
Aqui é o rap guarani que está chegando pra revolucionar  
O tempo nos espera e estamos chegando  
Por isso venha com nós  
Nós te chamamos pra **revolucionar**

Por isso venha com nós, nessa levada  
Nós te chamamos pra revolucionar  
Aldeia unida, mostra a cara  
Vamos todos nós no rolê  
Vamos todos nós, índios festejar  
Vamos mostrar para os brancos  
Que não há diferença e podemos ser iguais  
Aquele boy passou por mim  
Me olhando diferente  
Agora eu mostro pra você  
Que sou capaz, e eu estou aqui  
Mostrando para você  
O que a gente representa  
Agora estamos aqui  
Porque aqui tem índio sonhadores  
Agora te pergunto, rapaz  
Por que nós matamos e morremos?  
Em cima desse fato a gente canta  
Índio e índio se matando  
Os brancos dando risada  
Por isso estou aqui  
Pra defender meu povo  
Represento cada um  
E por isso, meu povo,  
Venha com nós.

**5. Quais termos remetem à cultura indígena? Quais podem ser identificadas como não indígenas? Faça uma lista.**

**6. Como o indígena se percebe/ vê/ identifica? Utilize termos da letra de “Eju Orendive” para exemplificar a sua resposta.**





**7.** Quem são os autores da “maldade”? Levante hipóteses. Destaque termos da letra para exemplificar a sua resposta.

**8.** Que significado, no contexto histórico, pode ser entendido a partir do termo “revolucionar”? Levante hipóteses.

**9.** Comente sobre as frases “Índio e índio se matando/ Os brancos dando risada/ Por isso estou aqui/ Pra defender meu povo”. Utilizem os termos identidade, alteridade e empatia no texto. Se quiser, pode primeiro realizar algumas leituras sobre esses termos e complementar a resposta depois.

O grupo Brô MC's entona letras, em guarani e português, que remetem a diferentes problemas, como alcoolismo e suicídio entre os indígenas, além da temática da luta pela terra, pela defesa do reconhecimento da sua cultura e pela preservação da sua identidade. Quando começaram, escondiam-se das lideranças indígenas, mas, após a gravação do disco, as lideranças passaram a apoiá-los por considerarem uma forma de serem ouvidos.



## ATIVIDADE 6. A ironia da charge: reflexões sobre o “Dia do Índio”



Vamos analisar os elementos que compõem a charge “Salve o Dia do Índio”, de Sinovaldo, pseudônimo de Mario Arthur Junges.

Nessa charge, o cartunista ironiza a restrição do reconhecimento do indígena como cidadão a um evento do calendário nacional.



Fonte: [midia.gruposinos.com.br](http://midia.gruposinos.com.br)

**1.** Que crítica pode ser apreendida da charge? Destaque elementos da charge, verbais e não verbais, para exemplificar a sua resposta.

**2.** Retomando o que já foi desenvolvido até agora, sintetize: como é celebrado, atualmente, o Dia do Índio no Brasil?

**3.** Lembremos... o que disse a Lei sobre o Dia do Índio? A comemoração desse dia atende ao objetivo do Decreto No 5.540?



## ATIVIDADE 7. O que é ser “índio” para um indígena

Edson Kayapó, segundo ele mesmo filho de Kayapó e Marajoara, nascido no estado do Amapá, é professor de história indígena, na Bahia. No trecho Índio Kayapó explicando o que é ser indígena no século 21.



Assista aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=sIQ5KFhFzdU&t=94s>

**1.** Resuma com suas próprias palavras a fala de Edson Kayapó.

**2.** Nas oficinas I e II, abordamos a temática indígena na nossa cotidianidade e estamos finalizando esta etapa escutando algumas vozes indígenas.

Você acredita que é importante dar voz aos próprios indígenas para contarem a sua própria história. Use argumentos e justificativas para fundamentar a resposta.





### ROMPENDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

A literatura indígena, escrita por eles mesmos, é recente (final do século vinte).

A tradição oral, individual e coletiva, aparece amalgamada com as narrativas míticas escritas com suas próprias mãos, o que lhes possibilita, desde esse lugar de fala (silenciada e exilada há cinco séculos), contar a sua história, com o olhar deles.

Selecionamos três autores, dentre os muitos escritores indígenas, para permear o nosso contato com essa textualidade. Assim, escolhemos algumas obras de Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Jaguaré Yamã. Esses textos são abordados em contraponto textos de autoria não indígena.

#### ATIVIDADE 8. Contação de história e a tradição oral indígena



**Daniel Munduruku**, paraense, cujo sobrenome está associado ao ruído que fazem os pés durante a caça, pesca ou na guerra, formado em filosofia, história e psicologia, educador social, é considerado um dos mais influentes escritores da atual literatura indígena.

O texto literário indígena é multimodal, composta pela escrita alfabética e elementos não verbais. No livro **“Meu Vô Apolinário”**, os grafismos, de Rogério Borges, correspondem a imagens de pedaços de plantas, folhas secas e verdes, frutos secos, penas, lascas de tronco, restos de cerâmica e um peixe tribal centralizado junto ao título da obra que provoca relações com o subtítulo do livro: **Um mergulho no rio da (minha) memória**.

Em *Meu Vô Apolinário*, cuja narrativa é autobiográfica, o personagem principal volta a sua infância na busca do momento em que resgata a sua identidade (da raiva ao orgulho), por meio de um processo de autocrítica questionando-se o que significa ser índio, tendo como coadjuvantes, nesse processo, o rio, o avô e o pajé.



Fonte (esquerda à direita): [danielmunduruku.blogspot.com](http://danielmunduruku.blogspot.com) e [estantevirtual.com.br](http://estantevirtual.com.br)





## Estrutura da obra

- ◆ Introdução.
- ◆ A raiva de ser índio.
- ◆ Maracanã.
- ◆ Crise na cidade.
- ◆ O vô Apolinário.
- ◆ A sabedoria do rio.
- ◆ O voo dos pássaros.
- ◆ Apolinário se une ao grande rio.

Lembre-se que a literatura indígena é de tradição oral. Assim, seu professor ou alguém da turma pode ser o contador de história. Se for possível, imagine estar em volta de uma grande árvore escutando uma história.

Depois de saber o enredo de “Meu vô Apolinário”, leia os trechos destacados do livro:

**1. Após a contação da história de “Meu vô Apolinário” e da leitura dos trechos destacados, faça um resumo da história.**

“Eu nasci índio. Mas não nasci como nascem todos os índios. Não nasci numa aldeia [...]. Eu nasci na cidade.”

“Fui o primeiro filho da família a nascer na cidade.”

“Para meu desespero nasci com cara de índio, cabelo de índio [...], tamanho de índio.”;

“Não gostava de ser chamado de índio por causa das ideias e imagens que a palavra trazia” (atrasado, selvagem, preguiçoso).

“Você acha que sou besta, é? Acha que vou trocar o gato do Edmundo por um, um... Índio, feito você?”

“O índio levou o fora da Linda porque é feio, porque é selvagem, porque é índio”

“Escute o rio o que quer dizer para você: paciência e perseverança”;

“Seguir sem se apressar, de forma constante, lentamente e sem parar, com coragem, como o rio..., somos um fio na grande teia da vida”

“Índio é ter uma história que não tem começo nem fim. É viver o presente como presente, uma dádiva de Deus”.

“Duas coisas importantes: não se preocupar com coisas pequenas e todas as coisas são pequenas”.



2. Que ensinamento poderia ser destacado a partir do enredo de “Meu vô Apolinário”?

### **ATIVIDADE 9. Da literatura indigenista e indianista à indígena, provocando a desnaturalização da realidade e o questionamento de visões cristalizadas**

A expressão literatura indianista é utilizada para denominar uma das características do Romantismo no Brasil. Autores, como José de Alencar e Gonçalves Dias, por exemplo, representaram os indígenas de acordo com a matriz ocidental que justificava a colonização, sem a pretensão de serem porta-vozes da cultura indígena.

**Thiago de Mello**



**Gonçalves Dias**



Fonte (esquerda à direita): ebiografia.com e academia.org.br

Literatura indigenista são as obras escritas ou traduzidas por não indígenas, cuja temática procura compreender os povos indígenas, produzida numa perspectiva não indígena, a partir de relatos indígenas, como por exemplo, Darcy Ribeiro e João Ubaldo.

Os próximos textos correspondem a um poema, do poeta indigenista, Thiago de Mello amazonense, não indígena, defensor das causas indígenas, e o outro texto é um excerto do poema I-Juca Pirama, do indianista, Gonçalves Dias.



Após a leitura em voz alta, faça uma análise comparativa entre ambos os poemas. Oriente-se pelos questionamentos.

### **Solilóquio do índio** (Thiago de Mello)

Perdido de mim, não sei  
ser mais o que fui e nunca  
poderei deixar de ser.

De mim me perco e me esqueço  
do que sou na precisão  
que já tenho de imitar  
os brancos no que eles são:  
uma apenas tentativa  
inútil que me dissolve  
na dor que não me devolve  
o poder de me encontrar.

Já deslebrado da glória  
radiosa de conviver,  
já perdido o parentesco  
com a água, o fogo e as estrelas,  
já sem crença, já sem chão,  
oco e opaco me converto  
em depósito dos restos  
impuros do ser alheio.

Resíduo de mim, a brasa  
do que já fui me reclama,  
como a luz que me conhece  
de uma estrela agonizante  
dentro do ser que perdi.

**1.** Que imagem é desenhada a partir do título?

**2.** O eu lírico do poema é um indígena. Como se sente o eu lírico? Utilize, na resposta, elementos do texto.



Gonçalves Dias, autor do Romantismo brasileiro, dá voz a um eu lírico indígena, nos moldes do “bom selvagem”. Leia o trecho do poema I-Juca Piramama.

**I-Juca Pirama** (Gonçalves Dias)

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo tupi.  
Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci;  
Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.  
Já vi cruas brigas,  
De tribos inimigas,  
E as duras fadigas  
Da guerra provei;  
Nas ondas mendaces  
Senti pelas faces  
Os silvos fugaces  
Dos ventos que amei. [...]

**3.** Descreva o “índio” de I-Juca Pirama. Utilize elementos do poema para exemplificar a sua resposta

**4.** Estabeleça diferenças entre ambos os eu líricos (Solilóquio do índio e I-Juca Pirama).





## ATIVIDADE 10. Diálogo entre o texto literário não indígena e indígena



Já mencionamos anteriormente que a literatura indígena é de tradição oral, cujas narrativas aconteciam, geralmente, em rodas de contação de histórias. A textualização dessa tradição utiliza-se de recursos diversos, como por exemplo, as marcas de oralidade que representam os diferentes sons.

Agora vamos observar o desfecho do enredo “Karaíba: uma história do pré-Brasil”, do indígena Daniel Munduruku; e compará-lo com o conto “Meu tio Iauaretê”, da obra *Estas Estórias*, do não indígena Guimarães Rosa.



Fonte (esquerda à direita): [livrariamaraca.com.br](http://livrariamaraca.com.br) e [elfikurten.com.br](http://elfikurten.com.br)

Leia o resumo e o trecho final do livro “Karaíba, uma história do Pré-Brasil”, de Daniel Munduruku.

### **Karaíba, uma história do Pré-Brasil**

A profecia do Karaíba anuncia que algo ruim vai acontecer numa aldeia, no contexto pré-cabralino. Perna Solta, indígena humano (visão não selvagem), numa sociedade organizada, vinculado a sua ancestralidade e espiritualidade, aponta o fim da forma de vida do seu povo. A narrativa discorre sobre as aventuras dele até o casamento com Maraí.

— Eu tive um sonho. Nele a nossa aldeia era invadida por seres monstruosos. Tinham pelo em todo o corpo e no rosto. Não sabia de onde vinham, nem o que queriam com a nossa gente. Tentei conversar com eles, mas falavam uma língua muito estranha e confusa. Eram grandes e fortes. Eles pareciam com macacos, mas não pulavam nem brincavam [...]. (MUNDURUKU, 2010, p. 26)



### O enredo finaliza quando um guerreiro da aldeia...

Um dia Cunhambebe andava pelas margens do paranã coletando conchas quando lhe chamou a atenção um ponto branco que “surfava” sobre as águas salgadas. O jovem se assustou com aquela visão e saiu correndo, largando o fruto de seu trabalho no chão. Sua gritaria chamou a atenção de todas as pessoas da aldeia, que se reuniram para ouvir o que o escolhido tinha para dizer. Sem fôlego devido à sua forte correria, o garoto respirou fundo e anunciou:

— Os fantasmas estão chegando! Os fantasmas estão chegando!

(MUNDURUKU, 2010, p.92).

FONTE: MUNDURUKU, D. O Karaíba, uma história do Pré-Brasil. Barueri: Manole, 2010.96p.

**1. O texto narra um evento do cotidiano? Justificar a resposta com elementos do texto.**

**2. Como é descrito o português?**

**3. É possível identificar a voz do indígena no narrador? Por que sim/não?**

“Meu tio lauaretê” é um conto do Modernista brasileiro, Guimarães Rosa, cuja obra apresenta traços marcantes de oralidade. No texto a seguir, o eu lírico transforma-se em um animal, que vai ser percebido por essas marcas de oralidade.

lauaretê (iauara é onça, em tupi, etê é verdadeiro) é um monólogo narrativo de um caçador de onça (animal sagrado dos índios). Macuncôzo, filho de uma índia e de um branco, afirmar a sua identidade indígena através da linguagem, transforma-se até se aproximar à de um animal.

Meu tio lauaretê



Ói: mecê não viu Maria-Maria, ah, pois não viu. Carece de ver. Daqui a pouco ela vem, se eu quero ela vem, vem munguitar mecê... [...]

Ei, ei, que é que mecê tá fazendo?

Desvira esse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: cê quer me matar, ui? Tira, tira revólver pra lá! Mecê tá doente, mecê tá variando... Veio me prender? Ói: tou pondo mão no chão é por nada, não, é à-toa... Ói o frio... Mecê tá doido?! Atiê! Sai pra fora, rancho é meu, xô! Atimbora! Mecê me mata, camarada vem, manda prender mecê... Onça vem, Maria-Maria, come mecê... Onça meu parente... Ei, por causa do preto? Matei preto não, tava contando bobagem... Ói a onça! Ui, ui, mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Eu – Cacuncozo... Faz isso não, faz não... Nhenhém... Heeé!...

Hé... Aar-rrâ... Aaâh... Cê me arrhoôu... Remuaci... Rêiucàanacê... Araaã...Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêê... êê... ê...

**4. Destaque e escreva as marcas de oralidade do texto?**

**5. Identifique elementos textuais que representem a metamorfose do narrador e explique o processo de transformação. É possível identificar a voz do indígena no narrador? Por que sim/não?**

**6. É possível estabelecer diálogo entre os narradores dos textos Karaíba e Meu tio lauaretê? E entre os autores Daniel Munduruku e Guimarães Rosa?**



### QUESTIONANDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Pelo estudo da literatura brasileira somos apresentados à obra “Iracema”, de José de Alencar, na qual é retratada uma mulher indígena pelo olhar do colonizador.

A continuação, apresentamos um olhar diferente sobre essa mulher indígena, entonada pela própria voz de uma mulher indígena, Eliane Potiguara. Para essa finalidade, o poema “Brasil” pode ser lido em voz alta, ou melhor, pode ser declamado. Assim, podem ser identificadas as especificidades da literatura indígena.



Fonte (esquerda à direita): [acordacordel.blogspot.com](http://acordacordel.blogspot.com) e [elianepotiguara.blogspot.com](http://elianepotiguara.blogspot.com)

#### Atividade 11. Retrato da mulher indígena pelo olhar de José de Alencar e de Eliane Potiguara.

A seguir é apresentado um trecho da obra “Iracema”, no qual o narrador descreve a personagem protagonista do enredo. Logo em seguida, é a vez de Eliane Potiguara de se autodescrever, utilizando-se de uma sequência de questionamentos. Leia ambos os textos e repare nas características dessas mulheres indígenas representada por Iracema e pelo eu lírico do poema “Brasil”.

##### Iracema

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.



Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru te palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

José de Alencar

### Brasil

Que faço com a minha cara de índia?  
E meus cabelos  
E minhas rugas  
E minha história  
E meus segredos?

Que faço com a minha cara de índia?  
E meu sangue  
E minha consciência  
E minha luta  
E nossos filhos?

Que faço com a minha cara de índia?  
E meus espíritos  
E minha força  
E meu tupã  
E meus círculos?

Brasil, o que faço com a minha cara de índia?  
Não sou violência  
Ou estupro  
Eu sou história  
Eu sou cunhã  
Barriga brasileira  
Ventre sagrado  
Povo brasileiro  
Ventre que gerou  
O povo brasileiro  
Hoje está só ...  
A barriga da mãe fecunda  
E os cânticos que outrora cantavam  
Hoje são gritos de guerra  
Contra o massacre imundo.

Que faço com a minha cara de índia?  
E meu tora  
E meu sagrado  
E meus "cabocos"  
E minha terra





- 1.** Como é descrita a mulher indígena em ambos os poemas? Destaque termos para explicar a resposta.
- 2.** O “bom selvagem” e a “cor-local” são características do Romantismo brasileiro. Como Iracema se relaciona com a natureza?
- 3.** Destaque termos, em ambos os textos, que remetam à cultura, às raízes e à resistência. Estabeleça comparações.
- 4.** Que diferenças podem ser apontadas entre as duas mulheres indígenas? Exemplifique a sua resposta com elementos dos textos.



## OFICINA V

### AMPLIANDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Para esta última fase, é reservada a produção literária e artística após uma roda de leitura de “Kurumi Guaré no coração da Amazônia”, considerada uma obra multimodal (rica em imagens que dialogam com a escrita verbal e grafismos indígenas), do escritor Yaguareê Yamã (indígena amazonense, do povo Maraguá, geógrafo, e militante da causa indígena).

Nesse livro, o autor-narrador conta as aventuras do tempo de menino em onze capítulos: Aventuras de infância; O mais novo da turma; Vivendo a tradição; Encontrando meu espírito; Uma cobra grande no porto de casa; Olhando visajes; História de boto; Brancos, barcos, cidades; Ritual da tukâdera; Quando perdi meu irmãozinho; Adeus ao meu mundo encantado.

#### ATIVIDADE 12. Roda de leitura e conversa

A obra Kurumi Guaré é escrita em capítulos independentes. Assim, podemos formar grupos, e cada um pode ficar com um capítulo.



Fonte: ftd.com.br

Após a leitura, podemos escolher um ou vários representantes para contar a história, em forma de roda de conversa.

1. Antes da leitura levante hipótese sobre o que sugere o título da obra.

**2. Durante a leitura, atente a:**

- ◆ Para quem a obra é escrita (possível interlocutor).
- ◆ Quem narra o texto?
- ◆ Temas, estilo de vida e pensamento do povo indígena retratado no texto.
- ◆ Seleção de frases significativas.
- ◆ Principais informações que podem ser destacadas?
- ◆ Palavras-chave do texto.
- ◆ Desenho, símbolos... que podem representar o texto.

**3. Após a leitura e apresentação de todos os grupos faça seu próprio fichamento, e para essa finalidade, registre as principais ideias do texto. Enquanto você lê e, depois, escuta os colegas, faça apontamentos.**

Obra: Kurumi Guaré no coração da Amazônia

Autor e ilustrador: Yaguarê Yamã

Editora: FTD

Ano: 2007, 1ª ed.

**ATIVIDADE 13. Criação literária**

Chegou o momento da sua própria produção. Neste momento, você terá a oportunidade de registrar, o seu olhar sobre a literatura escrita pelos indígenas.

Você e seu grupo vão criar um texto, em forma de poema, prosa poética, paródia, letra musical, etc. sobre a temática indígena, com a qual tivemos contato nas últimas aulas.

Essa criação literária será apresentada em voz alta para os outros colegas.



## ATIVIDADE 14. Criação artística: produção de “Paus de chuva”

Vamos por a mão na massa para criar arte.

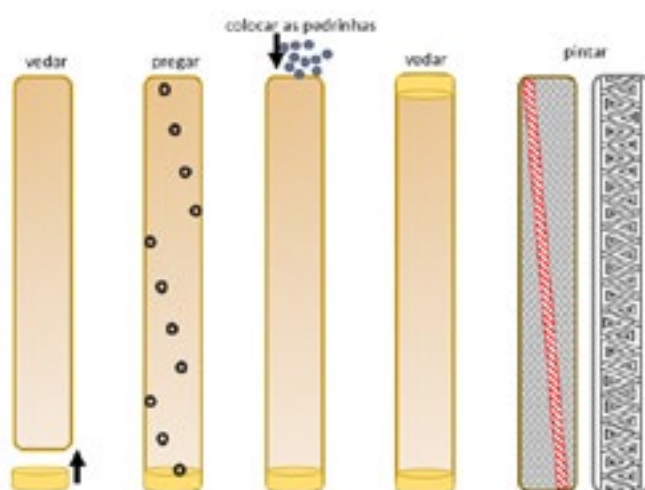
O Pau de chuva é um instrumento de percussão, feito com um tubo ou um pedaço de bambu, em que se colocam sementes, areia ou contas e que, ao ser revirado de um lado para o outro, produz som semelhante ao da chuva.

Realizaremos algumas adaptações. Assim, precisamos dos seguintes materiais:

- ◆ Canudos de papelão para substituir o bambu (podem ser encontrados em lojas que vendem tecidos).
- ◆ Pregos que não atravessem até o outro lado do canudinho.
- ◆ Pedrinhas, encontradas em lojas de artesanatos ou em floristerias.
- ◆ Pinturas de diferentes cores.
- ◆ Folhas de papel, fita, cola.

Na **Figura 1**, pode ser observado que, antes de tudo, é necessário tampar uma das extremidades do canudinho com papel e lacrar com fita. Depois, colocam-se os pregos (espaçamento de 2 – 4 cm), ao longo do canudinho, em forma de espiral. Preenche-se o canudinho com as pedrinhas e veda-se o outro extremo.

**Figura 1. Coonfecção de “Pau de chuva” indígena**



Fonte: Elaboração da autora (2019).

A etapa final é a pintura. Se você quiser, pesquise antes as formas e cores diferentes utilizados pelos indígenas, visto que elas podem variar em função do povo ao qual pertencem.

Ao terminar, faça a exposição da sua criação artística junto a seus companheiros.



## **AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ENSINO DE LEITURA**



Chegamos ao fim das oficinas sobre o conhecimento da literatura indígena. Antes de finalizar, volte às duas primeiras oficinas e leia as suas respostas.

**1.** Após todas as atividades realizadas, você acredita que tem mais informações sobre a cultura indígena. Como é seu olhar atual sobre a literatura escrita por eles?

**2.** Disserte sobre a necessidade, ou não, do estudo da cultura e história dos povos indígenas utilizando-se, como insumo linguístico, o texto literário indígena, como contraponto da literatura indianista, indigenista e não indígena.





# PROFESSOR



Caro, professor,

Esta Unidade Didática de trabalho é parte dos resultados da pesquisa de mestrado, cujo título é “Semiotização do conteúdo temático na produção do gênero dissertação argumentativa de vestibular”. As catorze atividades modulares propostas para serem desenvolvidas em cinco módulos atreladas ao Método Recepcional de Leitura, podem ser desenvolvidas em forma de sequência didática de ensino da leitura, em 10 horas-aula. Mas, esse tempo é muito flexível, pois tudo vai depender do tempo dispensado para cada atividade.

A inclusão do estudo da cultura indígena no ensino médio das escolas públicas e privadas está garantida pela lei 11.645/2008 e seu cumprimento deve permitir a inclusão cultural e superação do silenciamento e invisibilidade da cultura indígena no sistema educativo, por meio da leitura de textos literários de autoria indígena e não indígena. Por outro lado, levando em consideração o desenvolvimento da capacidade de leitura, diferentes métodos e concepções têm sido ensaiados.

O texto da Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino Médio (BNCC/EM), homologado pelo MEC, em 14/12/2018, aponta que o ensino de Língua Portuguesa deve contemplar a prática da leitura dialógica de textos literários, resgatando a sua historicidade, produção, circulação e recepção, em confronto permanente com a “manutenção da tradição e da ruptura” e considerando “suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade das obras” (BRASIL, 2018, p. 523).

Para essa finalidade, a BNCC propõe que a escola possibilite o convívio com a literatura, posto que, é por meio dela que a visão de mundo será enriquecida e ampliada. Para tal efeito devem ser promovidas capacidades de linguagem que levem em conta, entre outras questões, “a inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana” (BRASIL 2018, p. 500).

## **SOBRE O MÉTODO RECEPTIONAL DE LEITURA (MRL)**



Segundo Bordini e Aguiar (1993), o MRL, nas escolas brasileiras, é pouco considerado devido à tradição de não considerar o ponto de vista do leitor. Durante o processo de

produção e de recepção, existem espaços onde, implicitamente, há horizontes históricos, estéticos-ideológicos e conhecimentos prévios que, para estabelecer diálogo entre o texto e o leitor, esses horizontes devem ser atendidos. Assim, o texto literário constitui-se a arena onde os horizontes do produtor e do receptor podem identificar-se ou estranhar-se.

A técnica do MRL textos literários objetiva a compreensão e criticidade, percorrendo por cinco etapas de desenvolvimento dos “Horizontes de Expectativas: Determinação, Atendimento, Ruptura, Questionamento e Ampliação”. Em todas as etapas, a forma de semiotização das produções, ou seja, o gênero textual, deve ser escolhido pelo aluno, sem a intervenção do professor.

Segundo Bordini e Aguiar (1993), na primeira etapa (**Determinação do Horizonte de Expectativas**), ou de diagnóstico, é o momento de observar a realidade dos alunos, estabelecer o perfil da turma e analisar o seu interesse, ao colocá-los em contato com gêneros e temas diversos e, dessa forma, prever estratégias de transformação.

Na segunda etapa (**Atendimento do Horizonte de Expectativas**), o professor oferece aos alunos textos literários familiares, do seu senso comum e cotidiano, com repertório linguístico próximo da sua realidade, crenças e estilo de vida, retirados da mesma literatura ou da televisão, quadrinhos, cartuns, folclore, letras musicais, vídeo, etc.

Bordini e Aguiar (1993) indicam que, na terceira etapa (**Ruptura do Horizonte de Expectativas**), deverão ser abaladas as certezas dos alunos, ao serem instigados com textos literários novos, distantes em espaço e tempo, mais complexos, para promover a discussão aprofundada sobre temas que ainda se encontram no senso comum, desautorizando as versões pré-determinadas. Nessa etapa, estratégias de leitura compreensivas, receptivas e críticas devem considerar atividades desafiadoras para os alunos.

Na quarta etapa (**Questionamento do Horizonte de Expectativas**), segundo Bordini e Aguiar (1993, p. 90-91), o aluno passa por um processo de análise e comparação entre as duas etapas anteriores e, através da reflexão e autoavaliação, é capaz de perceber que a compreensão de outros textos lhe acrescenta conhecimento.

Na etapa final, que corresponde à **Ampliação do Horizonte de Expectativas**, o aluno realiza leitura e produção de textos relacionados às etapas anteriores, de forma consciente e reflexiva, a partir de seu próprio olhar, mudando, assim, a visão de mundo ao sair do senso comum.

O MRL de textos literários é uma alternativa para permear a recepção da literatura de autoria indígena, pois, o método possibilita a colocação do aluno frente a um repertório de modalidades discursivas indígenas variadas referenciando a sua cultura.



Este trabalho propõe apontar caminhos para formar, na sala de aula da escola, um aluno-leitor que, de acordo com Bordini e Aguiar (1993), é entendido como um ser social; um sujeito cuja transformação, através da leitura, implique a alteração do seu comportamento; que compreenda, interprete e analise o que lê; que relacione textos, construa sentidos, confronte visões e contextualize conhecimentos. Além disso, que participe da (re)construção da memória cultural indígena, utilizando-se, para isso, de textos literários de autoria indígena, por meio do MRL, à luz das teorias da Estética *lukacsiana* e da Recepção de Jauss.

O professor, como mediador da leitura, possibilita essas ligações pela necessidade de conhecer a literatura indígena a partir da própria voz indígena, e em contraponto com obras literárias de cânones consagrados pela academia literária. Dessa forma, o professor, além do desafio permanente de conhecer literatura indígena, preenche uma lacuna com vozes, até então, apagadas, levando a promover o desenvolvimento de consciência, análise das especificidades dos textos e a criticidade, ao propor ao aluno a conexão entre os saberes e questionamento das informações vinculadas às diferentes fontes literárias (Thiél, 2013).

Em relação à literatura de autoria indígena, essas textualidades são produzidas por eles mesmos, com suas especificidades estéticas, multimodalidades e grafismos. Narrativas de autoria indígena ancestral, comunitária ou individual, transitam entre a oralidade e a escrita, e refletem a cosmovisão nativa pelo uso da própria língua e a cultura brasileira por meio da língua portuguesa. Os gêneros literários vinculados à tradição oral foram agrupados em função de sua finalidade: cerimonial e popular (preces, cartas etc.), relato mítico (contos, fábulas e mitos), relato ensaístico e testemunho ensaístico ou gênero memorialístico (autobiografias, memórias e contramemória) Thiél (2012 e 2013).

Quanto à periodização das literaturas indígenas, “Graúna” (2013) aponta o momento da tradição oral e coletiva do período clássico e o da tradição escrita individual e coletiva, com narrativas míticas e entrelaçamento com a história desde o olhar indígena. A propriedade intelectual indígena contemporânea no Brasil, segundo a mesma autora, começa no final do século XX. Exemplo disso é o poema “Identidade indígena”, de Eliane Potiguara.

Para reconhecer as diferentes formas de expressão literária, Thiél (2013) discute sobre aspectos estético-literários indígenas e instiga a reflexão sobre a formação de leitores multiculturais, evidenciando a relevância da leitura da literatura indígena. Em função disso, o primeiro grande desafio para levar à escola essa literatura é superar o desconhecimento que os professores têm sobre autoria indígena e as informações estereotipadas, pois, quando eles conhecem algumas obras, as julgam pelos critérios canônicos ocidentais de literariedade.



Graúna (2013, p. 15) afirma que,

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones.

Na atualidade, dentre os autores indígenas, tem-se, Olívio Jecupé, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Jaguaré Yamã, Kaká Werá, Cristino Wapichana, Márcia Kambeba, Kithãulu e Ailton Krenak.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA – OFICINAS MODULARES



Para promover o conhecimento sobre o conteúdo temático de literatura de autoria indígena, propõe-se o MRL, com atividades de leitura de textos de autoria indígena em contraponto com a literatura não indígena, chamada de cânone pela academia literária brasileira.

As oficinas são atreladas às etapas do MRL ao longo de 10 horas-aula, distribuídas da seguinte forma:

**Oficina 1** (Determinação do horizonte de expectativas) – Atividade individual, para observar os alunos durante a demarcação da zona de desenvolvimento real sobre o conhecimento da temática indígena, por meio de uma enquete com perguntas de respostas fechadas e abertas, destinando-se alguns minutos que precedem à oficina 2.

**Oficina 2** (Atendimento do horizonte de expectativas) – Atividades reflexivas, em grupo, complementando a oficina 1, visando ao reconhecimento da presença indígena em diferentes tipos de textos do senso comum, utilizando-se de vídeos, charges e folhas impressas com o roteiro de análise dos textos.

**Oficina 3** (Ruptura do horizonte de expectativas) – Leituras diversas sobre o estatuto da literatura indígena, objetivando ampliar o conhecimento da temática indígena pelo caminho do diálogo com as obras consideradas cânones.

**Oficina 4** (Questionamento do horizonte de expectativas) – Atividades diversas, em roda de conversa e atividades de leitura crítica e identificação dos elementos da literatura indígena que promovem um novo olhar sobre a temática indígena e, especialmente, sobre



a visão da mulher indígena.

**Oficina 5** (Ampliação do horizonte de expectativas) – Atividades de produção textual literária, do gênero paródia poética, de temática indígena, apresentadas à turma; e produção cultural artística (Pau de chuva).

Oficina	MRL	Objetivos	Atividades	Material
I 1h-aula	Determinação do HE	Avaliar os conhecimentos sobre a temática indígena.	Apresentação do projeto. Enquete: saberes sobre a temática indígena.	Unidade Didática - aluno.
		Observar os alunos durante o diagnóstico sobre o conhecimento da cultura indígena.	Reflexões: quem são os indígenas?... Definindo alguns termos (identidade, alteridade, etc.). <b>Atividades 1, 2 e 3.</b>	Slides com imagens que contextualizam a temática indígena.
II 1h-aula	Atendimento do HE	Reconhecer, em textos diversos, a presença da temática indígena.	Reflexões sobre o significado do Dia do Índio, utilizando-se de: vídeos e charges. Estatuto da literatura de autoria e identidade indígena: aula expositiva e dialógica. <b>Atividades 4, 5, 6 e 7.</b>	Unidade Didática - aluno. Vídeo "Brincar de índio", Xuxa Meneghel; Videoclipe <u>Eju Orendive</u> , Rap <u>Brô Mc's</u> Charge <u>Salve o dia do Índio</u> , <u>Sinovaldo</u> . Vídeo <u>Kayapô explicando o que é ser indígena no século 21</u> .
III 2h-aula	Ruptura do HE	Conhecer e ampliar o conhecimento da literatura indígena, percorrendo a caminho até os considerados cânones.	Posso ser qualquer coisa sem deixar de ser o que eu sou. Diálogos entre a literatura indígena e os cânones. <b>Atividades 8, 9 e 10.</b>	Unidade Didática - aluno. Narrativa <u>Mou vó Apolinário</u> , D. <u>Munduruku</u> ; Poema <u>Soliloquio do Índio</u> , T. de Mello; Trecho do poema <u>I-Juca Pirama</u> , G. Dias; Trecho do livro <u>Karaiíba</u> , D. <u>Munduruku</u> ; Conto <u>Meu tio Iauaretê</u> , G. Rosa.
IV 1h-aula	Questionamento do HE	Comparar o velho e o novo olhar sobre a cultura indígena.	Questionamentos sobre a visão da mulher indígena: um novo olhar. <b>Atividade 11.</b>	Unidade Didática - aluno. Trecho de <u>Tracema</u> , José de Alencar; Poema <u>Brasil</u> , Eliane Poliguara;
V 3h-aula	Ampliação do HE	Fruir da leitura de literatura indígena Produzir textos vinculados à temática indígena.	Momento de leitura e roda de conversa: elementos da literatura indígena. Carta às editoras Paródia temática indígena.	Unidade Didática - aluno. Contos <u>Kurumi</u> <u>Guarê no coração da Amazônia</u> , <u>Yaguarê Yamã</u>
2h-aula		Produzir um artesanato indígena.	Construção de Pau de chuva <b>Atividades 12, 13 e 14.</b>	Canudos de papelão, pinturas, pedrinhas, pregos, martelo, pincéis, fita.

Fonte: Elaboração da autora (2019).







Cada uma das oficinas é planejada em função das etapas do MRL.

Professor, para o sucesso da sequência didática de leitura, é muito importante que o projeto de dizer (1ª oficina) seja explicado cuidadosamente.

Fale a eles que a maior parte das respostas será desenvolvida durante as aulas, mas que haverá alguns questionamentos que deverão ser pesquisados.





## OFICINA I – DETERMINANDO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS



**Tempo sugerido:** 1h

### 1ª PARTE

**Objetivo:** sondagem sobre o conhecimento dos alunos em relação à temática e literatura de autoria indígena.

### 2ª PARTE

**Objetivo:** expor aos alunos o projeto de dizer, explicar as atividades que serão desenvolvidas visando o reconhecimento da literatura indígena sob um olhar diferente. E observar os alunos durante a demarcação da zona de desenvolvimento real sobre o conhecimento da temática indígena, por meio de enquete.

#### **Atividade 1. Apresentação do projeto de leitura.**

Explicar aos alunos que o tema “Literatura de autoria Indígena” foi escolhido devido a uma percepção sobre a escassez, e até ausência, de textos literários de autoria indígena nos materiais didáticos do Ensino Médio que circulam nas escolas públicas.

Proponha que trabalhem em duplas ou em pequenos grupos. Faça os questionamentos sobre expectativas e ascendência indígena. Dê um tempo para que os alunos registrem suas respostas.

#### **Atividade 2. Enquete: o que sabemos sobre o tem?**

Esta atividade contém nove perguntas abertas sobre a temática indígena. Ao final da sequência didática de leitura as respostas registradas serão consultadas novamente. Dê um tempo para que eles possam conversar brevemente e escrevam suas respostas. Lembre-se de que as perguntas são abertas e, portanto, todas as respostas são aceitas. Pode ser feito, primeiramente, em forma de brainstorming, como perguntas retóricas, levantando questionamentos sobre a existência de indígenas no Brasil, cultura, arte, literatura, música, etc.; se os alunos conhecem aldeamentos indígenas, literatura escrita por indígenas, se os indígenas escrevem e se moram na cidade, enfim, levantar um panorama sobre o conhecimento que os alunos possuem sobre a temática indígena.

#### **Atividade 3. Reflexões imaginéticas.**

Essa atividade tem pretende possibilitar a observação da reação dos alunos frente a algumas imagens, que provocam o reconhecimento da temática “literatura indígena” para, assim, preparar a ampliação do horizonte de expectativas dos alunos.

Podem ser feitos apontamentos sobre as expressões dos alunos, e promoção de reflexões sobre os valores, as crenças, as inverdades e os preconceitos possíveis, que fazem

parte do senso comum, visto que alguns alunos podem associar o indígena a termos como, “primitivo”, “miserável”, “preguiçosos” e, até qualificá-los pela sua aparência, “pele amarela”, “pelados”, etc., devido ao legado histórico registrado pela sociedade ocidental.

Aproveitar o momento para esclarecer palavras que podem ser utilizadas nas próximas oficinas, como: identidade, cultura, alteridade, ancestralidade, resistência, utopia, mito, memória e mãe-terra, etc.

Podem ser projetadas imagens, enquanto são feitas as perguntas. Por exemplo: “Quem são os indígenas?” (imagens sobre os povos indígenas); “Como o indígena é visto na história?” (imagem do 1º contato entre indígenas e portugueses); “Quais textos literários fazem referência ao indígena?” (obras indianistas conhecidas pelos alunos); “Quantos povos indígenas existem?” (mapa sobre a distribuição dos povos indígenas na atualidade); “O que um indígena poderia narrar sobre a história do Brasil?” (frase projetada: Índios do Brasil: outra história).





## **OFICINA II – ATENDENDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS**

**Tempo sugerido:** 1h

**Objetivo:** reconhecer a presença indígena em diferentes tipos de textos do cotidiano, atendendo ao horizonte de expectativas dos alunos.

### **Atividade 4. O indígena do nosso senso comum...**

Ao levar os alunos a confrontarem as memórias que possuem sobre o Dia do Índio é possível provocar, posteriormente, questionamentos sobre o seu próprio conhecimento baseado no senso comum.

Esta atividade está composta por dez questionamentos relacionados ao Dia do Índio. Posteriormente, os alunos são convidados a assistirem o vídeo *Brincar de Índio*, de Xuxa (Maria da Graça Xuxa Meneghel), composição: Michael Sullivan e Paulo Massadas.

Durante o vídeo, o professor pode intervir no momento que aparece um grupo de indígenas, crianças e adultos, visivelmente constrangidos, enquanto a intérprete canta a música *Brincar de Índio*. Inicialmente, os alunos podem lembrar a própria infância, pois a cantora brasileira Xuxa faz parte desse passado de lembranças de uma parte dos brasileiros.

Professor, dê um tempo para que os alunos conversem e respondam as perguntas de forma colaborativa.

### **Atividade 5. Musicalidade indígena.**

Nesta oficina pretende-se cativar o público adolescente fazendo uso de um ritmo musical muito bem aceito por eles: o rap. O professor pode criar um efeito especial dizendo que ela levou as vozes indígenas para serem escutados dentro da escola... Depois coloca o videoclipe *Eju Orendive*, de Brô Mc's.

Durante o vídeo, chamar a atenção dos alunos para elementos considerados não indígenas, visto que, o videoclipe *Eju Orendive*, do grupo Brô Mc's, formado por jovens indígenas que vestem bermudas, camisetas, bonés e tênis de marcas não nacionais reconhecidas. É necessário apontar que a permanência da indianidade não depende da presença de elementos modernos (vestimenta); assim como, o acesso à tecnologia e aos meios de comunicação contemporâneos não é incompatível com a comunidade indígena.

Esta atividade contém nove questionamentos. Dê um tempo aos alunos para registrarem as suas respostas. Algumas perguntas podem ser desenvolvidas em casa.

### **Atividade 6. A ironia da charge: reflexões sobre o Dia do Índio.**



Neste momento está sendo preparada a transição para a próxima etapa. Peça para que os alunos leiam a charge (Salve o Dia do Índio, de Sinovaldo - Mario Arthur Junges) e que depois de conversarem respondam as três perguntas.

Enfatizar que O Dia do Índio foi oficializado através do decreto-lei nº 5.540, de dois de junho de 1943, para comemorar a cultura indígena, reforçar a identidade e reconhecimento dos povos indígenas .

### **Atividade 7. o que é ser “índio” para um indígena?**

Provocando reflexões sobre os indígenas a partir do vídeo Índio Kayapó explicando o que é ser indígena no século 21 é possível possibilitar aos alunos escutarem uma explicação do termo “índio” na voz de uma indígena.

Professor, é possível que os alunos não terminem de responder os questionamentos, portanto esta atividade pode ser concluída em casa.







## OFICINA III – ROMPENDO O HORIZONTE DE EXPECTATIVAS



Esta oficina está composta por três atividades (8, 9 e 10), cada uma delas com alguns questionamentos.

**Tempo sugerido:** 2h

**Objetivo:** conhecer a temática indígena por meio de leituras críticas diversas e reflexões problematizadoras sobre o estatuto da literatura de autoria indígena, pois os conhecimentos acumulados nas leituras anteriores entram em confronto com novos textos que pretendem abalar as certezas e costumes e provocar uma ruptura do horizonte de expectativas dos alunos.

### **Atividade 8. Contação de história e a tradição indígena.**

Nesta atividade, professor, é necessário exercer o papel de um contador de histórias. Para começar, contextualize a obra falando do autor. Daniel Mundurucu, paraense, cujo sobrenome está associado ao ruído que fazem os pés durante a caça, pesca ou na guerra, formado em filosofia, história e psicologia, educador social, é considerado um dos mais influentes escritores da atual literatura indígena.

Falar aos alunos sobre as características da textualidade indígena, composta pela escrita alfabética e elementos visuais/grafismos (composição multimodal). Mostrar-lhes as ilustrações do livro “Meu vô Apolinário”, realizadas por Rogério Borges, onde podem ser visualizadas imagens de pedaços de plantas, folhas secas e verdes, frutos secos, penas, lascas de tronco, restos de cerâmica e um peixe tribal centralizado junto ao título da obra que provoca relações com o subtítulo do livro: “Um mergulho no rio da (minha) memória”.

Nessa obra, o personagem principal se remete até a sua infância na busca do momento em que resgata a autocrítica sobre o que é ser índio (raiva, vergonha ou orgulho), tendo como coadjuvantes, nesse processo, o rio e o avô e o pajé.

Para realizar esta atividade, primeiramente, é necessário que o professor leia o livro “Meu vô Apolinário, um mergulho no rio da (minha) memória”, de Daniel Mundurucu, ou o resumo apresentado a seguir.

RESUMO. “Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da memória é organizado em sete capítulos”. O narrador-personagem começa com a frase “a gente não pede para nascer, apenas nasce. [...] Eu nasci índio. Mas não nasci como nascem todos os índios”, pois ele não nascera na aldeia e sim na cidade. Nas próximas folhas, é descrita a vida na cidade, estabelecendo-se os contrapontos com as memórias da vida na aldeia, Terra Alta. O menino fala sobre a crise que desencadeia a confissão da sua paixão secreta por Lindinalva, colega da terceira série primária, já que ela o destrata. No próximo capítulo, entra em cena

a sabedoria do avô Apolinário e a do rio que irão esclarecer “quem é você”. Para os povos indígenas, a Mãe Terra e todos os elementos da natureza têm um papel indispensável à vida; todo rio traz consigo a renovação permanente e se seguir o seu caminho e entender a sua mensagem terá prosperidade. O avô Apolinário, homem de oitenta anos, e misterioso, era querido e respeitado pelos membros da aldeia. Ele ensina o neto a importância da paciência e da perseverança. O avô Apolinário morre deixando um grande legado a seu neto: o orgulho de se reconhecer indígena e a certeza de que poderia chegar aonde ele quisesse.

Professor, tente que o aluno repare nos conflitos internos pelos quais o adolescente Daniel passava, na sua condição de oprimido. O jovem personagem supera a negação de uma ancestralidade indígena por estar contaminado do olhar preconceituoso da sociedade, passando a reconhecer e a defender a sua etnia.

Após a contação da história, faça a leitura, em voz alta, dos trechos (do material do aluno) e peça que os alunos falem sobre esses excertos. Ao final, solicite que façam um resumo da história e respondam a última pergunta. Essas duas propostas podem ficar como tarefa extrassala.

### **Atividade 9. Da literatura indigenista e indianista à indígena, provocando a desnaturalização da realidade e o questionamento de visões cristalizadas.**

Professor, explique os termos literatura “indigenista” (sobre indígenas escrita por não indígenas), “indianista” (literatura sobre o índio “bom selvagem” do Romantismo brasileiro), e indígena (literatura sobre indígenas escrita por indígenas).

Realize a leitura, compreensão e reflexão sobre o Poema “Solilóquio do índi “ de Thiago de Mello. O autor amazonense é um poeta e autor de obras regionalistas, e dentre elas, Amazonas, pátria de água é considerada indigenista, produzida pela perspectiva ocidental por não índios, na qual o indígena não é agente da narrativa. O título do poema “Solilóquio do índio” sugere que o eu lírico é a voz de um índio, mas o professor pode intervir para levar o aluno a perceber a presença de um indígena refletindo sobre a sua identidade (“não sei ser mais o que fui e nunca poderei deixar de ser”).

Realize com os alunos a leitura compreensão e reflexão sobre um trecho da obra “I-Juca Pirama”, do poeta Gonçalves Dias. Esse autor transformou o índio em um personagem adequado à construção da identidade nacional na figura do bom selvagem, na literatura brasileira, idealizando a natureza e criticando a civilização. Em “I-Juca Pirama”, poema da indianista, o indígena é visto como um homem bravo e orgulhoso (“sou bravo, sou forte”), completamente submisso.



Promova questionamentos estabelecendo relações de historicidade (épocas de produção diferentes) e contexto social (Modernismo e Romantismo) de obras que no momento da escrita representavam uma realidade peculiar. Dê um tempo para completar os quatro questionamentos.

### **Atividade 10. Diálogo entre o texto literário não indígena e indígena.**

Nesta atividade é retomado o autor indígena Daniel Munduruku, cuja textualidade é comparada com um conto de Guimarães Rosa. Seria interessante contextualizar ambos os autores. Estimule a comparação considerando a sua historicidade, pressuposições culturais extraliterárias (autor indígena e não indígena).

Comece realizando a leitura, compreensão e reflexão sobre a sinopse da obra “Karaíba, uma história do Pré-Brasil”, de Daniel Munduruku e do trecho do conto “Meu tio lauaretê”, de Guimarães Rosa. Focalize na percepção dos elementos linguísticos e marcas fônicas ligadas ao Tupi-guarani (aspectos estéticos), em “Meu tio lauaretê”, e à cultura indígena, além da reflexão sobre a forma como foram descritos os portugueses em “Karaíba, uma história do Pré-Brasil”(processo histórico).

Faça que os alunos reparem na oralidade da narrativa indígena (uma das principais características) e comparem com o texto de Guimarães Rosa, percebendo o emaranhado de vozes, as metáforas rosianas e os neologismos.

“Karaíba, uma história Pré-Brasil” é uma versão ficcional indígena do mundo, na qual é revelada a versão indígena sobre os momentos anteriores ao encontro entre europeus e ameríndios (era pré-cabralina). A narrativa descreve as crenças, a organização, a convivência, tradições e costumes de três grupos indígenas, apresentando, assim, os valores desses povos em relação à terra e à ancestralidade para a sua preservação. Nessa história, é anunciada a chegada dos tempos difíceis. O trecho do texto disponibilizado aos alunos apresentava o relato final da história quando são avistados os portugueses.

O conto “Meu tio lauaretê” é um diálogo entre um caçador de onças (filho de branco e índia) e um visitante que nunca fala. Entre as tantas falas, o onheiro identifica-se e confunde-se com o animal onça, e conta ter se apaixonado e dormido com uma onça. O narrador-personagem conta seus causos como onheiro e passa por um processo de metamorfose até virar onça. Esse processo é representado com grunhidos que aparecem no texto escrito e oral, por meio de onomatopeias. Pode ser apresentado os últimos três minutos do vídeo do conto “Meu tio lauaretê” .

Professor, dê um tempo aos alunos para responderem as seis perguntas. Lembre-se que todas as respostas são aceitas, apenas o professor deve estimular e promover a percepção dos elementos característicos de ambas as narrativas.





## OFICINA IV – QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

A fase de questionamento é composta por uma atividade de literatura comparada.

**Tempo sugerido:** 1h

**Objetivo:** promover um novo olhar sobre a temática indígena e, especialmente, sobre a visão da mulher indígena, por meio de roda de conversa, leitura crítica e identificação das especificidades da literatura indígena, questionando o horizonte de expectativas.

### **Atividade 11. Retrato da mulher indígena pelo olhar do autor de José de Alencar e de Eliane Poiguará.**

Professor, comece a atividade contextualizando ambas os autores.

A autora indígena Eliane Potiguará (Eliane Lima dos Santos), cujo sobrenome, de origem Tupi, significa “comedores ou catadores de camarão”, é uma professora que enfatiza, na sua obra, a luta das mulheres dos povos indígenas, autora de “Metade cara, metade máscara ou História não contadas de mulheres indígenas”, onde se encontra o poema Brasil. Potiguará provém de uma família de índios desaldeados da Paraíba e carrega um histórico de violência contra as mulheres da família: bisavó, avó e mãe. O poema Brasil, ritmado pelo refrão “o que faço com a minha cara de índia?”, assinala a sobrevivência das mulheres indígenas no presente, contrapondo-se àquela visão mitificada do Romantismo brasileiro.

Em “Iracema”, Alencar narra a formação do Brasil, onde os brasileiros são mestiços, filhos de uma relação romântica entre um branco e uma índia que trai o seu povo e morre, abandonada e infeliz. Fale sobre o olhar romântico da mulher na personagem Iracema (“virgem”, “lábios de mel”, “hálito perfumado”, “doce harmonia”) e o outro olhar da mulher do poema “Brasil” “minha cara de índia?”, “ventre que gerou”, “barriga da mãe fecunda”, “gritos de guerra”, “massacre imundo”.

Realize a leitura, compreensão e reflexão sobre um trecho da obra “Iracema”, de José de Alencar e declamar o Poema “Brasil”, de Eliane Potiguará.

Conduza aos alunos na travessia da ponte entre Alencar e Potiguará. Estimule os alunos a perceberem as diferenças e proximidades entre a mulher indígena retratada em ambas as narrativas.

Professor, dê um tempo para que os alunos registrem as suas respostas, ou peça para terminarem após a aula.







## OFICINA V – AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS



A oficina de ampliação é realizada em três momentos: roda de leitura, produção literária e produção artística.

**Tempo:** 3 h

**Objetivo:** sintetizar os novos saberes sobre a literatura indígena por meio da produção de textos literários e elementos artísticos, ampliando, assim, o horizonte de expectativas

### **Atividade 12. Roda de leitura e conversa.**

Para esta atividade pode ser utilizado qualquer obra de autoria indígena. Aconselhamos o livro “Kurumi Guaré no coração da Amazônia”, de Jaguarê Yamã, classificada como uma obra multimodal (imagens que dialogam com a escrita verbal e grafismos indígenas), cujo autor-narrador conta as aventuras do tempo de menino em onze capítulos: “Aventuras de infância”, “O mais novo da turma”, “Encontrando meu espírito”, “Uma cobra grande no porto de casa”, “Olhando visajes”, “História de boto”, “Branco, barcos, cidades”, “Ritual da tukâdera”, “Quando perdi meu irmãozinho”, “Adeus ao meu mundo encantado”.

Em toda atividade de leitura, é necessário começar falando sobre o autor, neste caso, Jaguarê Yamã (do povo Maraguá). Depois, deve ser feita a contextualização cultural e estética. A leitura do título e subtítulo, assim como a observação da capa da obra (“Kurumi Guaré no coração da Amazônia”), é o orientador do processo de leitura.

Professor, peça aos alunos para que prestem atenção ao narrador, ao possível interlocutor, aos elementos textuais e não textuais indígenas, às ilustrações e solicite que registrem as palavras-chave a serem utilizadas no fichamento do texto. Com essa finalidade, diga-lhes que atentem à construção de significados dos elementos do texto (destaque especial aos elementos não textuais), atribuindo-lhes significados relacionados à narrativa da história, durante o momento da apresentação.

Organize a turma, em pequenos grupos, e distribua os capítulos. Dê o tempo necessário para a realização da leitura silenciosa e posterior exposição em forma de roda de conversa.

Após a apresentação oral, em roda de conversa, da leitura realizada, peça para que realizem o fichamento da leitura.

### **Atividade 13. Criação literária.**

Professor, esta atividade consiste em propor a criação livre de textos literários (poesia, prosa, paródia, música, etc.), de temática indígena, para serem cantados, declamados e/ou



dramatizados, na próxima aula.

**Atividade 14. Criação artística: produção de “Paus de chuva”.**

Professor, explique o processo de confecção de “Paus de chuva”, instrumento que remete à cultura indígena. Para a sua confecção são utilizados canudos de papelão (substituindo o bambu), preenchidos com pedrinhas que, ao fazer contato com os pregos colocados ao longo dos canudos, produzem um som que imita o da chuva. O passo a passo está relatado no material do aluno.





## **AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA**

Professor, explique aos alunos que a avaliação da sequência didática de leitura é realizada utilizando-se de diversos instrumentos, por exemplo a observação direta. Além disso, as perguntas abertas são também formas eficientes para analisar indícios de desenvolvimento das capacidades de linguagem.





## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

A confecção desta Unidade Didática desenhada em forma de sequência didática de ensino de leitura da literatura indígena foi influenciada, inspirada e guiada por diferentes obras e autores, dentre eles, destacaremos alguns.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura**. (Org. Etiene Samain; Sandra Nitrini). São Paulo: Hucitec, 2002. Disponível em <https://netlli.wordpress.com/2011/09/08/obras-de-bakhtin-disponiveis-em-pdf-em-nosso-banco-de-dados/>. Acesso em: jun. 2017.

BORDINI, M. da G. e AGUIAR, V. T. de. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: Ministério da Educação. 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC\\_19dez2018\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf). Acesso em: 20 dez. 2018.

BRITO, T. C.; SOUSA FILHO, S. M.; CÂNDIDO, G. V. **O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 53, p. 177-197, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n53/2316-4018-elbc-53-177.pdf>. Acesso em 10 nov. 2018.

DORRICO, J. **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária**. In: Literatura Indígena Brasileira: criação, crítica e Recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 37-38, 2018.

FERREIRA, N. B. de P. **A catarse estética e a pedagogia histórico-crítica: contribuições para o ensino de literatura**. Tese de Doutorado em Educação Escolar. Unesp/Araraquara, 170 p. 2012.

FIGUEREIDO, E. Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 53, p. 291-304, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n53/2316-4018-elbc-53-291.pdf>. Acesso em 10 ago. 2018.

FREDERICO, C. Cotidiano e arte em Lukács. **Estudos Avançados**, v.14, n. 40, p. 299-308, 2000. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142000000300022](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142000000300022). Acesso em 25 jul. 2019.

FUMAGALLI, R. C. D. V.; HOFFMANN, A. E. Leitura da Literatura Indígena pelo viés da estética da recepção. **Revista Língua e Literatura**, v.19, n.34, p.252-272, 2017. Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/download/2689/2596>. Acesso em 10 nov. 2018.



GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

HAKIY, T. **Literatura indígena – a voz da ancestralidade**. In: **Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 37-38, 2018.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellarolli. São Paulo: Ática, 1994. Disponível em <https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>. Acesso em 10 jul. 2018.

JAUSS, H. R. **Pequeña apologia de la experiencia estética**. Trad. Daniel Innerarity. Barcelona: Novagràfik, 2002. Disponível em <https://www.passeidireto.com/arquivo/40744829/jauss-hans-robert-pequena-apologia-de-la-experiencia-estetica-barcelona-paidos-2002->. Acesso em 10 jul. 2018.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos. História indígena brasileira contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998. 115 p.

JECUPÉ, K. W. **Tupã Tenondé. A criação do universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Peirópolis, 2001. 107p.

KAMBEBA, M. W. **Literatura indígena: da oralidade à memória escrita**. In: **Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 39-44, 2018.

LUKÁCS, G. **La peculiaridad de lo estético**. (Tradução Manuel Scristán) – *La Estética de Lukács*, Tomo I. 1ª ed. México DF: Grijalbo, 1966. Disponível em [https://www.academia.edu/16714923/Georg\\_Luk%C3%A1cs\\_-\\_Est%C3%A9tica\\_Vol.\\_I.\\_La\\_Peculiaridad\\_de\\_lo\\_Est%C3%A9tico\\_Tomo\\_1?auto=download](https://www.academia.edu/16714923/Georg_Luk%C3%A1cs_-_Est%C3%A9tica_Vol._I._La_Peculiaridad_de_lo_Est%C3%A9tico_Tomo_1?auto=download). Acesso em jul. 2018.

MELLO, T. **Amazonas, pátria da água**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MEDEIROS, S. **Ainda não se lê em xavante**. In: **Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 155-172, 2018.

MUNDURUKU, D. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: O reencontro da memória**. In: **Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção** [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 81-84, 2018.



MUNDURUKU, D. **Karaíba, uma história do Pré-Brasil**. (Ilustrações Mauricio Negro) Barueri: Manole, 2010. 96p.

MUNDURUKU, D. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. São Paulo: Nobel, 2001. 40p.

PERES, J. S. D. **A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea**. Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 107-137, 2018. Disponível em <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/2887/2166>. Acesso em 10 nov. 2018.

POTIGUARA, E. **Metade Cara, Metade Máscara**. Lorena: Projetos Especiais, p. 2018.

SÁNCHEZ-VAZQUEZ, A. **Segunda conferencia: La Estética de la Recepción (I). El cambio de paradigma (Robert Hans Jauss). De la Estética de la Recepción a una estética de la participación**. 2005. México: Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Filosofía y Letras. p. 31-48. Disponível em [http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/1843/02\\_De\\_la%20Estetica\\_ASV\\_2007\\_2a\\_Conferencia\\_31\\_48.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://ru.ffyl.unam.mx/bitstream/handle/10391/1843/02_De_la%20Estetica_ASV_2007_2a_Conferencia_31_48.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 24 nov. 2018.

SANTOS, E. P. **A autoinclusão da literatura indígena contemporânea no cânone brasileiro: uma herança cultural a ser reconhecida**. Revista Literatura em Debate, v. 12, n. 22, p. 107-121, 2018. Disponível em <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/viewFile/2922/2531>. Acesso em 10 nov. 2018.

SOUZA, E. R. **Literatura indígena e direitos autorais**. In: Literatura Indígena Brasileira contemporânea: criação, crítica e Recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.), Porto Alegre: Fi, p. 51-74, 2018.

THIÉL, J. C. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

THIÉL, J. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica. 2012. 162p.

TINOCO, R. C. **Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas**. São Paulo: Horizonte, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem** (tradução Paulo Bezerra), 2ª ed. São Paulo: Martins Fonte, 2009.



 **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA** 

VIGOTSKI, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar.**  
In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. (tradução Maria da Pena Villalobos), 16<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ícone, p.103 – 117, 2018.

YAMÃ, Y. **Kurumi Guaré no coração da Amazônia.** São Paulo: FTD, 2007, 88p.

ZANCAN, M. R. K. **A representação do indígena no ensino da literatura: da escola convencional à escola indígena.** Tese de Doutorado. 2015.

